

Filosofia Africana: notas de uma Antropologia Filosófica Africana

.....

Everaldo Lins de SANTANA¹

Secretaria de Educação/Rio/Brasil

elinsdesantana@gmail.com

Résumé : *Africa as a Continent is taken as a basis for understanding the human being in its foundation. Consequently, this article intends to present a few points of African thought that bear witness to some notes linked to African philosophical anthropology.*

Mots-clés : Anthropologie, Philosophie, Philosophie africaine, Philosophie anthropologique africaine.

Abstract : *L'Afrique en tant que continent est prise comme base de compréhension de l'être humain dans son fondement. Par conséquent, cette contribution se propose de présenter quelques points de la pensée africaine qui témoignent de quelques notes liées à l'anthropologie philosophique africaine.*

Keywords: African philosophy, African philosophical anthropology, Anthropology, Philosophy.

INTRODUÇÃO

Propaga-se, com uma certa veemência, a ideia segundo a qual o continente africano seria alheio à meditação filosófica, coisa que seria própria para o ocidente, sobretudo e com uma determinada reverência, para a Grécia, considerada por alguns, de um certo modo, a “pátria da filosofia”, o berço do “milagre”. Entretanto, estudos acumulados evidenciam o referido continente como um fértil solo onde, antes do ocidente, já se refletiam sobre os conteúdos daquilo que passaria a ser chamado de filosofia. Então, faz-se jus utilizar a expressão filosofia africana, porém, entre acadêmicos africanos e não africanos criou-se uma tal de polêmica sem fim sobre se existe ou não filosofia africana, constituindo, dessa forma, dois polos, um que afirma a sua existência e outro que a nega. Este trabalho faz menção a esta polêmica.

¹Everaldo Lins de Santana est un chercheur en anthropologie et en philosophie à l'université de Rondonia (Brésil).

Paralelo a isso, estas breves linhas deste artigo visam apresentar, de uma maneira superficial, ligeira e sintética, alguns temas de antropologia filosófica pelo viés do pensamento africano, salientando, então, a existência de uma antropologia filosófica africana, que tem a intenção de pensar o homem e suas implicações naquilo que tem de comum a todos os seres humanos enquanto legítimo representante da humanidade.

A antropologia filosófica pensa o ser humano como o sujeito do pensamento com todas as suas consequências, como relacionado ao cosmo, como um ser capaz da “consciência em si” e é nesta linha que também caminha a antropologia filosófica africana, ela é o exercício do pensar o homem a partir de um contexto africano.

1. Filosofia

“Não existe nada para ser visto
mais maravilhoso do que o
homem” (*Pico della Mirandola-
“Oração sobre a Dignidade do Homem”*).

Este ser maravilhoso, de que fala o filósofo Pico della Mirandola, é o ser humano em qualquer dimensão de espaço e tempo, trata-se do humano, homem e mulher, estando o mesmo em qualquer continente; sobre este homem já se disse que ele é racional, independente de seu fenótipo e genótipo; já se disse também que esse homem, por natureza, deseja o conhecimento, aspira à sabedoria. Pois bem, se todo homem é racional, é, portanto, um ser capaz de abstração e, em assim sendo, é dotado de condições intelectuais para universalizar seu pensamento, suas ideias, suas concepções teóricas sobre o mundo, o sobrenatural e sobre si mesmo.

Foi este incrível ser que, admirando-se das coisas e de outros seres, começou a filosofar. Mas esse filosofar não lhe dá arrogância nem poder, pelo contrário, convida-o a humildade e a simplicidade, uma vez que o próprio Pitágoras dizia que era filósofo, isto é, “amante”, “amigo” da sabedoria, do saber e não sábio atributo de deus (divino). Bom, é sabido que o vocábulo filosofia, morfologicamente, compõe-se dos termos “filo” e “sofia”, ambos de origem grega e nessa língua, esses mesmos termos possuem uma polissemia, o que vale dizer que eles têm vários sentidos, entre os quais, “amor”, “beijo”, “abraço”, “aproximação” (filo). Vale mencionar que “filo” também estava associado à ideia de comunidade, ao espírito de grupo, de coletividade; ao passo que “sofia” referia-se, entre outras coisas, a uma regra de vida, um caminho de ascese, um caminho de busca, relacionava-se com as antigas práticas místicas, aos mistérios, ao sobrenatural, concentração, êxtase, mas também estava associada ao raciocínio, aos argumentos, à discussão e aos “estudos científicos”, vê-se, assim, que a filosofia é uma atividade humana complexa e de difícil conceituação. Os próprios gregos não possuíam um conceito

claro, específico, para a atividade filosófica, não havia uma definição de filosofia e essa indefinição se perpetua. A pergunta tradicional “o que é filosofia?” fica sem uma resposta satisfatória, busca um conceito de filosofia apelando para os acidentes, tentando alcançar a substância. Invocar alguns aspectos da filosofia como universalidade, racionalidade, abstração, lógica e outros não resolve a questão da conceituação e se não foi atingida a substância, isto é, se através dos aspectos da filosofia não se consegue dizer o que ela é em si, não faz sentido especular se tal e qual pensamento, ideia, visão de mundo é ou não filosofia. Tomando como referência a afirmação segunda a qual a filosofia é filosofia porque contempla a universalidade, racionalidade, abstração, lógica e algo mais e que ela é assim pelo fato de o ser humano ser racional qualidade que se articula com o universal, o abstrato e o lógico, então todos os povos, independente de espaço e tempo, são dotados da predisposição para filosofar e que, portanto, é legítimo o exercício da filosofia em qualquer sociedade.

2. Filosofia Africana

A expressão “filosofia africana”, para muitos, soa estranha e ainda é posta em questão por africanos e não africanos. Uns e outros querem provar, “matematicamente”, a legitimidade ou não da referida expressão. Mas, qual a necessidade de exhibir argumentos favoráveis ou desfavoráveis à filosofia africana? Por que provar?, Para quem provar?, Convencer quem? Será que é relevante apresentar argumentos x ou y, convencendo a ou b e obtendo avaliação positiva, passando assim a dizer: está constituída a filosofia africana, ela tem estatuto de filosofia. Até que ponto o aval da academia ocidental constitui critério para dar existência a uma filosofia africana? Se não há um consenso ocidental sobre o que seja filosofia, se ela própria é posta em questão, em que legitimidade esse ocidente se ancora para se constituir como elemento de critério no sentido de ser a bitola para, categoricamente, problematizar a existência da filosofia africana?

Paiva, coordenador do departamento de filosofia e teologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas, no seu artigo “*Fim da filosofia: uma imagem da filosofia contemporânea*”, informa que

Franca D’Agostini (1997), num minucioso trabalho sobre a filosofia nos últimos trinta anos, reflete sobre a dificuldade de falar de filosofia hoje: a) Porque não existe “a” filosofia, mas muitas filosofias, muitos modos e razões para se dizer filósofo;

b) Porque se fala mais apropriadamente e freqüentemente de filosofias aplicadas (da política, da ciência, da religião) e não tanto da filosofia como saber ou postura do pensamento; c) Porque se suspeita que a filosofia como tal não exista, ou seja um resíduo inútil da cultura ocidental, incapaz de dialogar com as outras formas de saber e de responder aos problemas atuais (Paiva, 2004, p.34).

Diante do debate sobre filosofia africana, mesmo entre

alguns africanos que conhecem o *metier*, que trabalham com filosofia africana, há uma oscilação de decisão, criando um malabarismo fraseológico, pois uns dizem que não existe uma filosofia africana, mas filosofia na África, outros, embora concebendo uma filosofia africana, não sustentam essa concepção, outros ainda defendem a existência de uma filosofia africana, mas com ideias relacionais como Hountondji que diz ...”ela só existirá como filosofia na forma duma confrontação de pensamentos individuais, duma discussão e dum debate”¹, seria isso mesmo? Será que filosofia africana se reduz a um mero confronto de ideias, a uma simplicidade de enfrentamento de pensamentos? Por que um reducionismo deste nível?

Ao contrário disso, penso que é possível vislumbrar uma filosofia africana que consistiria num saber teórico-sistêmico africano sobre o mundo, o sobrenatural, o homem, as coisas e que se abre, articulando-se com as outras diversas formas de expressar o pensamento como a arte, a antropologia, a ciência, a cultura, etc.

Contemporaneamente, há grupos de filósofos, em diversas partes do mundo, que põem em questão a chamada “racionalidade” como pedra angular da filosofia, trazendo para o campo filosófico contribuições do pensamento sistêmico e complexo, da epistemologia pós-positivista, dos novos paradigmas das ciências sociais, quanto a isso, o filósofo alemão “Peter Sloterdijk considera que é tempo de abandonar uma filosofia racional e petrificada por um pensamento em movimento, impregnado da antropologia, da poesia e da arte”².

Julgar o estatuto da filosofia africana a partir de uma filosofia dita racional, com bases petrificadas, implica numa falha de compreensão ou num propósito deliberado de manter perene, no tempo e espaço, uma determinada filosofia como “a” filosofia, atitude eminentemente irracional.

3. Notas de uma Antropologia Filosófica Africana

África constitui o pulmão antropológico do mundo. *Ela carrega consigo uma incrível riqueza antropológica, espiritual e cultural. Ai de nós se a perdermos. Seria uma perda fatal para toda a humanidade.* (Alex Zanotelli)

A antropologia filosófica, tendo como referencial intelectual o filósofo alemão Max Scheler, preocupa-se, entre outros, com os seguintes temas:

- a) O homem e seu lugar no cosmo,
- b) A “consciência de si” no homem,
- c) O homem e o sobrenatural
- d) O homem como um problema

A antropologia filosófica coloca a questão fundamental sobre “o que é o homem” e se entendermos a antropologia filosófica africana como um saber teórico-sistêmico africano sobre o homem, é possível perceber que o pensamento sobre o homem e seu lugar

no mundo como também o pensar a respeito da “consciência de si” no homem estão contemplados direta ou indiretamente no africano, enquanto sujeito do filosofar, do conhecer, do saber, pois conforme Aristóteles:

todo conhecimento se origina de uma tendência básica da natureza humana, que se manifesta em ações e reações mais elementares do homem. Toda a esfera da vida dos sentidos é determinada e impregnada por esta tendência: Todos os homens, por natureza, desejam saber. Prova disso temos no gozo dos nossos sentidos; porque, para além da sua utilidade eles são queridos por si mesmos, e acima de todos o da vista. Porque não só quando tentamos fazer algo, mas também na ociosidade nós preferimos ver a qualquer outra coisa. A razão está em que este sentido, mais do que qualquer outro, nos faz conhecer e traz à luz muitas diferenças entre as coisas. (*Metafísica*, Libro A, I, 980a 21. In Cassirer, s.d., 8).

Pois bem, vejamos algumas notas de antropologia filosófica africana, tomando como referenciais alguns pontos.

4. Homem

“Muntu”, termo bantu para pessoa, ser humano, traz, no seu bojo, profundos conteúdos culturais e radicais dimensões antropológicas em combinação com perspectivas filosóficas. Não se deve entender que o pensar africano sobre o homem é um pensar particular, setorial, pequeno, pelo fato de existir, em África, uma diversidade de etnias com suas especificidades. A concepção do humano africano consiste em ver o homem enquanto microcosmo, um todo, invisível e visível, ser humano, isto é, na dimensão de universalidade, o homem é ser no sentido de comunicar a humanidade (universal) na pessoa (particular). A raiz “ntu” contém sentidos variados como “ser”, “cabeça”, a ela acrescenta-se o prefixo “mu” singularizando numa compreensão universalizante, resultando, então, em “muntu” (homem). Este homem é um ser adjetivado como humano, em latim, “humanus” (civilizado, culto, instruído, amável, benevolente, afetuoso); um homem-ser-cabeça (“caput”, do latim) com o significado de vida, inteligência, racionalidade, existência, essência, fonte. Africanamente, muntu expressa-se, simultaneamente, como homem-ser e homem-cabeça. Jahn concebe muntu numa visão bem ampla, qual seja “*Muntu* abarca os vivos e os mortos, os antepassados e os antepassados divinizados, os deuses. A unidade que expressa este conceito-mãe é um dos distintivos da cultura africana e muito mais se pode deduzir dele”. (Jahn, 1970, p.21-22)

O que se pode perceber é que a ideia de muntu se fundamenta na cultura, na cosmovisão africana, entendida como vida e identidade. Se o muntu, homem, se define a partir da cultura, isso quer dizer que ele é resultado de uma convergência de dimensões religiosa, metafísica, lúdica, ética, estética, política, sentimental, econômica, ecológica, social, histórica *et cetera*. Essas distintas dimensões do

homem o tornam um complexo interativo e aberto de objetividade e subjetividade no tempo e espaço. Acrescente-se a isso o referencial da espiritualidade no que diz Elungu,

A vida define o homem simultânea e consubstancialmente como individual e social numa unidade pré-conceptual, biológica e existencial...essa união substancial do individual e do social é uma das características essenciais da mensagem espiritual da tradição. (Elungu, 2014, 56).

Por fim, o homem-muntu-ser-cabeça, espiritualizado e criatura nuclear no sentido de centro se constitui como guardião da vida em todas as suas concepções e de continuidade na relação de espaço-tempo.

5. Pessoa

A concepção de pessoa, no pensamento africano, envolve algumas dimensões metafísicas e que, portanto, não se refere apenas à pessoa particular, vejamos. Pessoa, caracterização:

- a) Matéria e não matéria
- b) O Eu visível e o Eu invisível
- c) Os Eus
 - eu social
 - eu agente
 - eu cognitivo

O que define a pessoa, no pensamento africano bantu, é a comunidade, a sociedade, os laços de interação, ou seja, uma pessoa se torna pessoa em virtude de outra, no dizer “ubuntu” com a fórmula zulu-xhosa “*umuntu ngumuntu ngabantu*”.

6. Corpo

É perceptível a ideia africana segundo a qual o corpo seria a exterioridade da pessoa. O corpo é a pessoa se expressando visivelmente, assim falando, expressa-se a noção de que o corpo do ser humano sinaliza, comunica, seu pensamento. A noção de corpo, na África, está vinculada à cosmovisão, à tradição, o corpo é como que um pequeno universo, um microcosmo. Africanamente falando, o corpo é uma teia de significados, de sentidos, ele é expressão, símbolo. Lumembu afirma a relevância do corpo.

Na África, as expressões tais como “ter um corpo” ou “ser um corpo” soam como sinônimos. “viver seu corpo”, “estar em seu corpo” ou “sentir seu corpo” significa não só dominá-lo mas também sentir-se cômodo, estar em conexão com a força vital, receber suas energias e desfrutar plenamente da vida. (Lumembu, s.d., 8-9)

O corpo africano é pleno de ritmo, com ele se dança, entra em conexão com o mundo invisível, comunica afeto, ele é também um corpo sobrenatural, místico, esotérico, tem uma oralidade, portanto,

fala. É possível mencionar a sacralidade e a realeza do corpo negro-africano como espaço da espiritualidade, do transe, da possessão e da institucionalização do corpo do rei. Enfim, é com o corpo que se percebe o mundo visível e invisível, que se tem consciência da vida, que se ama e se experimenta a fé em relação ao eterno.

7. Vida

A reflexão sobre a vida, na África, é repleta de complexas sutilezas em virtude da diversidade cultural, mas isso não significa dizer que não se possa vislumbrar elementos comuns, tais como:

- vida enquanto duração
- vida biológica
- vida espiritual

Um dos conceitos mais relevantes na compreensão de vida, para o africano, é o de força vital. O viver, a vida propriamente falando, se expressa de um modo individual, pessoal e coletivo, a vida, na verdade, é um conviver, é uma relação de interação, ela vem do divino, do ser supremo. A dinamicidade da vida, no pensar africano, fundamenta-se numa força, num «dínamo» vital. Essa força vital está em tudo, no universo, na natureza, nas coisas mais simples e nas mais complexas, assim, viver é ter força vital. Essa ideia é de uma força tão profunda entre os negro-africanos que pode-se quase dizer que é inata. Num trecho de sua primorosa obra « *A Filosofia Bantu* », Tempels escreve que

Para os bantu, todos os seres do universo possuem sua força vital própria ; humana, animal, vegetal ou inanimada. Cada ser foi dotado por Deus de uma certa força, suscetível de reforçar a energia vital do ser mais forte da criação : o homem...la força vital é a realidade invisível mais suprema no homem. E o homem pode reforçar sua força vital pela força dos outros seres da criação. (Tempels, 1949, 31-32)

8. Morte

O pensar sobre a morte, na África, sinaliza para os seguintes pontos a cerca desse fenômeno antropológico.

- Morte como tema fundamental,
- Morte como transição do mundo material para o mundo espiritual,

9. Transcendente

Diz-se que o homem tende para o transcendente. No contexto do pensar africano, o transcendente se contempla por meio do monoteísmo, uma concepção eminentemente abstrata. O transcendente é o referencial de todas as coisas, é o referencial sem referencial, é o absoluto.

10. Linguagem

Quanto ao aspecto da linguagem, para o africano, a palavra, que em si já é um elemento simbólico, adquire um “status” metafísico, pois ela é portadora de um real ontológico, nesse sentido, é razoável apontar alguns modos da palavra:

- a) Criadora de possibilidade;
- b) Condutora, em si, de ambiguidade;
- c) Ela é o vínculo com a existência.

Esses três modos da palavra não é uma prerrogativa do pensamento do homem africano, não, é próprio da dimensão do pensamento do homem em si, enquanto humano, independente de espaço e tempo.

11. Ética

A ideia de ética, em África, expressa entendimento de que o ser humano nunca está só. O mundo, a sociedade, se constitui numa rede de relações, isto permite compreender que cada pessoa deve contribuir para o bem de todos, da comunidade, do grupo. Desta forma, a ética pode ser, em termos simples e africanamente, apresentada assim:

- Concepção de vida em comum,
- Não o “eu”, mas o “nós”
- Ubuntu: eu sou porque você é; eu sou porque nós somos.

12. Ubuntu

- Respeito e Compaixão pelas Pessoas
- Estar e Saber Estar com os Outros
- Espírito de Ajuda Mútua
- Solidariedade
- Caridade
- Fraternidade, Igualdade
- A Humanidade de Cada Pessoa se Expressa Através das Relações de Uma Com As Outras

“Ubuntu is simultaneously the foundation and the edifice of African philosophy.” (Mogobe Ramose)

13. Sentido da Vida

O “propósito da vida” é uma das importantes questões filosóficas e de grande relevância antropológica, pois refletir sobre tal problema implica em pensar o ser humano de modo radical e em todas as suas dimensões. É sabido, filosoficamente, que não há uma resposta para tal tema, mas sim especulações quanto ao assunto.

É possível vislumbrar algumas ideias sobre o sentido da vida, tendo como referencial a África, vejamos. O sentido da vida está associado, entre outros, a estes pontos:

- amar para tornar o mundo um lugar melhor para se viver,
- o princípio do ubuntuísmo
- viver e trabalhar juntos.

CONCLUSÃO

Pelo que foi exposto acima, sobre algumas notas de antropologia filosófica africana, percebe-se que o pensar africano se legitima universalmente, pois os temas tratados dizem respeito ao homem independente do espaço e tempo. Além disso, vê-se ainda a polêmica sobre a questão da possibilidade da filosofia africana que, para alguns, ela é desnecessária e bizantina; para outros, a filosofia africana tem sua razão de ser. **É um lugar comum dizer que a filosofia** pauta-se pela racionalidade e universalidade como se ambas fossem intocáveis e que sem elas não se poderia falar em filosofia, entretanto, há reflexões que questionam a universalidade e racionalidade como as únicas maneiras de filosofar, soma-se a isso, a ideia segundo a qual o paradigma do pensamento filosófico seria o eurocêntrico, desconsiderando, dessa forma, os outros modos filosóficos de ver o mundo. Como se fixar em uma só visão de filosofia se a própria palavra não tem uma única definição, mas pelo contrário, o termo filosofia possui um amplo e diversificado acervo de significado, uma pluralidade de “definições”. A filosofia africana é uma outra maneira de perceber o real, consiste em filosofar; reconhecendo a dinamicidade do pensamento. A África filosofa sim, faz e tem filosofia, para isso, foi razoável constatar a existência de uma antropologia filosófica africana de relevante aspecto. Essa antropologia, de cunho filosófico e oriunda do continente, concebe o homem – muntu – como um ser central, uma criação do divino e que tem, entre outras, a função de promover a valorização da vida para garantir sua perenidade no tempo e no espaço. Uma noção que se junta ao muntu (homem) é a de pessoa, que, como percebemos, só tem sentido se ligada ao social, ao coletivo, assim, pessoa se entende, em África, como vínculo com a comunidade, a sociedade. Um elemento que faz paralelo com pessoa é o corpo e este, como vimos acima, detém um conteúdo simbólico capaz de influir na subjetividade do africano. Pela breve consideração que foi feita em torno da ideia de vida, verificou-se que esta não é um simples viver, mas se traduz por uma força, uma força vital, noção muito cara aos negro-africanos. Um termo oposto ao de vida que é a morte é vista como transição entre os dois mundos visível e invisível, o fenômeno morte, na meditação africana, tem um quê de sobrenaturalidade. Quanto à transcendência, é ela que dar sentido à vida, Deus é a razão da vida, da força vital; já a linguagem, mencionada anteriormente, pode ter a palavra como força, uma como que força vital, a palavra dá vida.

Por fim, a ética, o ubuntu e o sentido da vida têm, de certa maneira, conexão, pois são temáticas voltadas para a aplicabilidade

do bem, do estar junto, da pessoa com outra pessoa e que, na visão africana, pode-se traduzir por “umuntu ngumuntu ngabantu”.

Eis, então, que foram apresentadas algumas breves notas da antropologia filosófica africana, pensando na perspectiva de dar visibilidade à filosofia africana praticada há longo tempo no continente e que está inserida no patrimônio filosófico da humanidade como uma legítima, original e fundamental forma de fazer filosofia.

BIBLIOGRAFIA

- ◆ ADELINO Tores, s.d, da Universidade Técnica de Lisboa e Universidade Lusófona de Lisboa, in *Filosofia Africana e Desenvolvimento-Reflexões Preliminares*.
- ◆ CASSIRER Ernst, s.d., *Antropología Filosófica: introducción a una filosofía de la cultura*, Mexico, Fondo de Cultura Económica.
- ◆ ELUNGU Pene Elungu A., 2014, *Tradição africana e racionalidade moderna*, Angola/Portugal, Mulemba/pedago.
- ◆ http://pt.wikipedia.org/wiki/Peter_Sloterdijk
- ◆ JAHN Janheinz, 1970, *Muntu: las culturas de la negritud*, Madrid, Guadarrama.
- ◆ LUMEMBU Albert Kasanda, s.d., *Elocuencia y Magia del Cuerpo: un enfoque negroafricano*, Bélgica, Centro Tricontinental.
- ◆ PAIVA Márcio Antônio de, 2004, Fim da filosofia: uma imagem da filosofia contemporânea” in. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 33-48, 1º sem.
- ◆ TEMPELS Placide, 1949, *La philosophie bantoue*, Paris, Presence Africaine.